

365 casa de aposta | Apostas ao Vivo de Futebol: Interaja com Outros Torcedores e Aposte em Tempo Real

Autor: jandlglass.org Palavras-chave: 365 casa de aposta

Cabinets da Extinção: Uma Recordação da Perda na Australian Museum

No final de um dos corredores das salas de mamíferos do Australian Museum Sydney, encontram-se dois armários cinza metálicos anônimos. Embora não haja nada para distingui-los dos outros armários de armazenamento da sala, eles estão carregados de significado particular. Esses armários, conhecidos no museu como os "armários da extinção", abrigam espécimes de 24 das 39 espécies de mamíferos que foram extintas desde a chegada dos europeus à Austrália. Eles abrigam um índice de perda que remonta a quase 240 anos.

Minha guia pelos armários é o Dr. Mark Eldridge, um geneticista e gerente de vertebrados terrestres do museu. Eldridge abre o primeiro dos armários para revelar 11 prateleiras largas, cada uma contendo uma variedade de peles, dentes, ossos e montagens taxidermizadas. Alguns dos animais são imediatamente reconhecíveis – as peles listradas do tigre-da-Tasmânia no fundo das prateleiras, por exemplo. Outros, como o Koontin empalhado, são menos familiares. Mas à medida que Eldridge aponta cada relíquia particular, ele conta as histórias dos animais, sua voz alternando entre desânimo e arrependimento. Um feixe de pele macia, marrom-claro é tudo o que resta de um wallaby-de-ferramenta, uma espécie que habitava uma pequena área no sudeste da Austrália Meridional. Foi caçado por esportistas pelos primeiros colonos, mas é mais provável que tenha sido extinto pela destruição de seu habitat para fazendas.

Em outra prateleira, os formulários empalhados de um rato-de-Maclear e um rato-buldogue estão ao lado de dois pequenos caixotes contendo seus crânios. Ambos têm um belo pêlo de um tom profundo de marrom-avermelhado; endêmicos da Ilha de Páscoa, ambas as espécies eram extraordinariamente abundantes quando europeus chegaram pela primeira vez e tinham tão pouco medo de humanos que invadiriam tendas busca de comida. Sua população desabou nas primeiras décadas do século XX, provavelmente como resultado de uma doença parasitária trazida por ratos-preto introduzidos.

Talvez o mais impressionante seja a pele dos tigres-da-Tasmânia. "Muitos museus têm um tigre-da-Tasmânia sacrificado exibição para que as pessoas possam ver", diz Eldridge. "Mas eles ficam desbotados e perdem sua cor. Portanto, mantemos os bons que ainda têm suas cores e marcas naturais aqui."

Indeed, estes tigres-da-Tasmânia são muito diferentes dos que vi outros lugares; sua pelagem é mais escura e mais grossa, as listras não são negras, mas um marrom-rico e chocolate profundo. Um ainda tem a bolsa que ela teria criado seus jovens: o huso seco do mamilo sobe como um dedo da pele.

'Oh, isso é tudo o que nos resta'

Os armários são obra do gerente da coleção de mamíferos, Dr. Sandy Ingleby, que assumiu a tarefa de montá-los pouco tempo depois de se juntar ao museu 1996. Inicialmente, seu propósito era prático, uma maneira de garantir que espécimes irremplaçáveis fossem armazenados um local centralizado e seguro.

Isso é especialmente importante porque muitas das espécies guardadas nos armários desapareceram tão rápido que quase nada resta delas: no caso do potoro-de-rosto-amplo – um pequeno marsupial que viveu no sul da Austrália Ocidental e é acreditado ter sido extinto quando gatos chegaram à região na segunda metade do século XIX – apenas 10 peles restam, cinco delas sob os cuidados do Australian Museum.

"Às vezes, é como se estivesse olhando para fantasmas", diz Ingleby. "Você olha para eles e pensa, 'Oh, isso é tudo o que nos resta'."

Mas à medida que o tempo passa, os armários assumem significados que vão além do científico e do curadorial. "As pessoas frequentemente choram quando as vêem", diz Eldridge. "Você apenas as abre e começa a falar e, quando olha volta, elas estão chorando."

Eu não choro, mas à medida que Eldridge abre gaveta após gaveta, acho que estou cada vez mais abrumado. Parte disso é porque o peso cumulativo de tanta perda é difícil de suportar, mas também é porque é difícil saber o que fazer com o que estou sentindo. Devo estar triste? Zangado? Culpado? Qual é a maneira mais apropriada – ou talvez mais importante – de chorar a destruição de uma espécie?

Essas respostas são um lembrete de que a extinção não é um processo puramente biológico, mas algo muito mais amplo e complexo. Thom van Dooren é um professor de ciências ambientais e o vice-diretor do Sydney Environment Centre na Universidade de Sydney. Ele argumenta que um foco estritamente científico pode impedir que nossa visão seja ampliada para ver a rede multidimensional de relações ecológicas e culturais que cada espécie habita.

Devo estar triste? Zangado? Culpado? Qual é a maneira mais apropriada – ou talvez mais importante – de chorar a destruição de uma espécie?

Para van Dooren, a extinção nunca é um "evento único e afiado"; vez disso, é "um desvencilhamento de relações que começa antes e continua bem depois da morte da última indivíduo". Entender a extinção termos como este permite que seja conectada às ideias de justiça, especialmente onde a perda de uma espécie envolve a quebra de práticas culturais tradicionais ou sistemas de parentesco. Mas também abre a possibilidade de pensar sobre a extinção de maneiras que se estendem para além das "histórias finas" que geralmente contamos sobre a perda de espécies e direção a formas mais significativas de comemoração e luto. A questão de como podemos contar melhores histórias sobre a extinção está no centro do Survival Stories, um novo projeto concebido pelo Dr. Zoe Sadokierski, uma associada professora de design na Universidade de Tecnologia de Sydney. Incorporando texto, imagens, animações e mesmo performances, Survival Stories visa ajudar as audiências a encontrar novas maneiras de pensar sobre crise ambiental e extinção. Sadokierski vê o projeto como "uma forma de dar testemunho. Mas também é sobre encontrar uma maneira de fazer algo tão imenso e abrumador sentir-se tangível." Para Sadokierski, isso significa criar obras que ajudem as pessoas a se relacionar com os animais nos armários e, por extensão, com outros animais que ainda não estão extintos. "Encontrar formas de fazer essa conexão humano-animal é tão importante, porque ajuda as pessoas a ver que não estamos separadas deles", ela diz. Desenvolver ferramentas conceituais e emocionais para articular o sentimento geral de luto que sentimos diante da perda de uma espécie pode fazer mais do que nos ajudar a lidar com o passado. Também pode nos ajudar a pensar mais eficazmente sobre as ameaças a que muitas espécies estão atualmente e no futuro. "A história do tigre-da-Tasmânia não é apenas sobre o tigre-da-Tasmânia", diz van Dooren. "É uma história sobre as práticas de criação de ovelhas e prêmios e práticas agrícolas que estão envolvidas tantas extinções, não apenas no passado na Tasmânia, mas como um fenômeno andamento." **"Eu achava que nada mais seria adicionado"** Há

uma necessidade urgente de que as pessoas estabeleçam essas conexões. Quando Ingleby começou a trabalhar nos armários há quase 30 anos, ela supôs que seria um projeto finito. "Eu achava que tínhamos aprendido a lição e que nada mais seria adicionado. Mas, claro, isso não aconteceu." Recentes adições à triste lista de espécies contidas nos armários incluem o morcego-de-Christmas, um pequeno morcego que foi declarado extinto 2009, e o melomys da Ilha Bramble, um roedor que se tornou o primeiro mamífero a ser varrido pela mudança climática

quando a ilha de coral de mesmo nome foi submersa pelas marés algum momento entre 2009 e 2024. Não é provável que o morcego-de-Christmas e o melomys sejam os últimos animais adicionados aos armários, ou mesmo a coleções semelhantes de aves e répteis. Além das 70 espécies de animais conhecidas por terem sido conduzidas à extinção na Austrália, outras 55 estão classificadas como ameaçadas ou gravemente ameaçadas. E este processo está se acelerando. Um estudo de 2024 sobre os 63 vertebrados mais ameaçados da Austrália descobriu que quatro provavelmente já estão extintos, 12 provavelmente estão extintos e nove provavelmente se tornarão extintos nos próximos 20 anos. *Melomys rubicola* *Onychogalea lunata*

Apesar do número crescente de mortes, os governos australianos repetidamente falharam tomar medidas significativas para desacelerar o declínio das espécies nativas. Mais recentemente, a ministra federal do meio ambiente, Tanya Plibersek, disse que as leis ambientais da Austrália estão "quebradas" e prometeu alterações regulatórias para impedir extinções futuras. Mas, apesar de passos positivos, como a criação de novas agências encarregadas de monitorar e fazer cumprir as regulamentações ambientais, novos fundos para ajudar a assistir espécies ameaçadas e o rejeição de projetos, como o desenvolvimento da lagoa Toondah, abril ela adiou indefinidamente os planos para novas leis para proteger espécies ameaçadas e ecossistemas – relatadamente como resultado da pressão do governo da Austrália Ocidental e da indústria mineral. Eldridge diz que encontra a inação do governo frustrante, não apenas porque as causas da extinção são bem conhecidas: destruição generalizada de habitat, mudança climática cada vez mais intensa e, parece que quase todos os animais que ele me mostra foram vítimas de gatos e raposas. *Onychogalea lunata* "Sabemos o que fazer e sabemos que, quando gastamos dinheiro com espécies ameaçadas, podemos inverter as coisas", diz. "Trata-se de enfrentar a perda de habitats nativos, enfrentar espécies introduzidas e lixo e mudança climática de forma séria. Mas isso claramente não é uma prioridade para o governo ou para o povo australiano." Ingleby concorda. "Eu abro essa gaveta todo o tempo e não fica mais fácil", diz. "É uma constante lembrança de como irresponsáveis fomos quando se trata de valorizar os mamíferos nativos na Austrália."

Entender a extinção termos como este permite que seja conectada às ideias de justiça, especialmente onde a perda de uma espécie envolve a quebra de práticas culturais tradicionais ou sistemas de parentesco. Mas também abre a possibilidade de pensar sobre a extinção de maneiras que se estendem para além das "histórias finas" que geralmente contamos sobre a perda de espécies e direção a formas mais significativas de comemoração e luto.

A questão de como podemos contar melhores histórias sobre a extinção está no centro do Survival Stories, um novo projeto concebido pelo Dr. Zoe Sadokierski, uma associada professora de design na Universidade de Tecnologia de Sydney. Incorporando texto, imagens, animações e mesmo performances, Survival Stories visa ajudar as audiências a encontrar novas maneiras de pensar sobre crise ambiental e extinção.

Sadokierski vê o projeto como "uma forma de dar testemunho. Mas também é sobre encontrar uma maneira de fazer algo tão imenso e abrumador sentir-se tangível." Para Sadokierski, isso significa criar obras que ajudem as pessoas a se relacionar com os animais nos armários e, por extensão, com outros animais que ainda não estão extintos.

"Encontrar formas de fazer essa conexão humano-animal é tão importante, porque ajuda as pessoas a ver que não estamos separadas deles", ela diz.

Desenvolver ferramentas conceituais e emocionais para articular o sentimento geral de luto que sentimos diante da perda de uma espécie pode fazer mais do que nos ajudar a lidar com o passado. Também pode nos ajudar a pensar mais eficazmente sobre as ameaças a que muitas espécies estão atualmente e no futuro.

"A história do tigre-da-Tasmânia não é apenas sobre o tigre-da-Tasmânia", diz van Dooren. "É uma história sobre as práticas de criação de ovelhas e prêmios e práticas agrícolas que estão envolvidas tantas extinções, não apenas no passado na Tasmânia, mas como um fenômeno andamento."

'Eu achava que nada mais seria adicionado'

Há uma necessidade urgente de que as pessoas estabeleçam essas conexões. Quando Ingleby começou a trabalhar nos armários há quase 30 anos, ela supôs que seria um projeto finito.

"Eu achava que tínhamos aprendido a lição e que nada mais seria adicionado. Mas, claro, isso não aconteceu."

Recentes adições à triste lista de espécies contidas nos armários incluem o morcego-de-Christmas, um pequeno morcego que foi declarado extinto em 2009, e o melomys da Ilha Bramble, um roedor que se tornou o primeiro mamífero a ser varrido pela mudança climática quando a ilha de coral de mesmo nome foi submersa pelas marés algum momento entre 2009 e 2024.

Não é provável que o morcego-de-Christmas e o melomys sejam os últimos animais adicionados aos armários, ou mesmo a coleções semelhantes de aves e répteis. Além das 70 espécies de animais conhecidas por terem sido conduzidas à extinção na Austrália, outras 55 estão classificadas como ameaçadas ou gravemente ameaçadas.

E este processo está se acelerando. Um estudo de 2024 sobre os 63 vertebrados mais ameaçados da Austrália descobriu que quatro provavelmente já estão extintos, 12 provavelmente estão extintos e nove provavelmente se tornarão extintos nos próximos 20 anos.

Melomys rubicola *Onychogalea lunata*

Apesar do número crescente de mortes, os governos australianos repetidamente falharam tomar medidas significativas para desacelerar o declínio das espécies nativas. Mais recentemente, a ministra federal do meio ambiente, Tanya Plibersek, disse que as leis ambientais da Austrália estão "quebradas" e prometeu alterações regulatórias para impedir extinções futuras.

Mas, apesar de passos positivos, como a criação de novas agências encarregadas de monitorar e fazer cumprir as regulamentações ambientais, novos fundos para ajudar a assistir espécies ameaçadas e o rejeição de projetos, como o desenvolvimento da lagoa Toondah, abril ela adiou indefinidamente os planos para novas leis para proteger espécies ameaçadas e ecossistemas – relatadamente como resultado da pressão do governo da Austrália Ocidental e da indústria mineral.

Eldridge diz que encontra a inação do governo frustrante, não apenas porque as causas da extinção são bem conhecidas: destruição generalizada de habitat, mudança climática cada vez mais intensa e, parece que quase todos os animais que ele me mostra foram vítimas de gatos e raposas.

Onychogalea lunata

"Sabemos o que fazer e sabemos que, quando gastamos dinheiro com espécies ameaçadas, podemos inverter as coisas", diz. "Trata-se de enfrentar a perda de habitats nativos, enfrentar espécies introduzidas e lixo e mudança climática de forma séria. Mas isso claramente não é uma prioridade para o governo ou para o povo australiano."

Ingleby concorda. "Eu abro essa gaveta todo o tempo e não fica mais fácil", diz. "É uma constante lembrança de como irresponsáveis fomos quando se trata de valorizar os mamíferos nativos na Austrália."

Partilha de casos

Cabinets da Extinção: Uma Recordação da Perda na Australian Museum

No final de um dos corredores das salas de mamíferos do Australian Museum Sydney, encontram-se dois armários cinza metálicos anônimos. Embora não haja nada para distingui-los dos outros armários de armazenamento da sala, eles estão carregados de significado particular.

Esses armários, conhecidos no museu como os "armários da extinção", abrigam espécimes de 24 das 39 espécies de mamíferos que foram extintas desde a chegada dos europeus à Austrália. Eles abrigam um índice de perda que remonta a quase 240 anos.

Minha guia pelos armários é o Dr. Mark Eldridge, um geneticista e gerente de vertebrados terrestres do museu. Eldridge abre o primeiro dos armários para revelar 11 prateleiras largas, cada uma contendo uma variedade de peles, dentes, ossos e montagens taxidermizadas.

Alguns dos animais são imediatamente reconhecíveis – as peles listradas do tigre-da-Tasmânia no fundo das prateleiras, por exemplo. Outros, como o Koontin empalhado, são menos familiares.

Mas à medida que Eldridge aponta cada relíquia particular, ele conta as histórias dos animais, sua voz alternando entre desânimo e arrependimento. Um feixe de pele macia, marrom-claro é tudo o que resta de um wallaby-de-ferramenta, uma espécie que habitava uma pequena área no sudeste da Austrália Meridional. Foi caçado por esportistas pelos primeiros colonos, mas é mais provável que tenha sido extinto pela destruição de seu habitat para fazendas.

Em outra prateleira, os formulários empalhados de um rato-de-Maclear e um rato-buldogue estão ao lado de dois pequenos caixotes contendo seus crânios. Ambos têm um belo pêlo de um tom profundo de marrom-avermelhado; endêmicos da Ilha de Páscoa, ambas as espécies eram extraordinariamente abundantes quando europeus chegaram pela primeira vez e tinham tão pouco medo de humanos que invadiriam tendas busca de comida. Sua população desabou nas primeiras décadas do século XX, provavelmente como resultado de uma doença parasitária trazida por ratos-preto introduzidos.

Talvez o mais impressionante seja a pele dos tigres-da-Tasmânia. "Muitos museus têm um tigre-da-Tasmânia sacrificado exibição para que as pessoas possam ver", diz Eldridge. "Mas eles ficam desbotados e perdem sua cor. Portanto, mantemos os bons que ainda têm suas cores e marcas naturais aqui."

Indeed, estes tigres-da-Tasmânia são muito diferentes dos que vi outros lugares; sua pelagem é mais escura e mais grossa, as listras não são negras, mas um marrom-rico e chocolate profundo. Um ainda tem a bolsa que ela teria criado seus jovens: o huso seco do mamilo sobe como um dedo da pele.

'Oh, isso é tudo o que nos resta'

Os armários são obra do gerente da coleção de mamíferos, Dr. Sandy Ingleby, que assumiu a tarefa de montá-los pouco tempo depois de se juntar ao museu 1996. Inicialmente, seu propósito era prático, uma maneira de garantir que espécimes irremplaçáveis fossem armazenados um local centralizado e seguro.

Isso é especialmente importante porque muitas das espécies guardadas nos armários desapareceram tão rápido que quase nada resta delas: no caso do potoro-de-rosto-amplo – um pequeno marsupial que viveu no sul da Austrália Ocidental e é acreditado ter sido extinto quando gatos chegaram à região na segunda metade do século XIX – apenas 10 peles restam, cinco delas sob os cuidados do Australian Museum.

"Às vezes, é como se estivesse olhando para fantasmas", diz Ingleby. "Você olha para eles e pensa, 'Oh, isso é tudo o que nos resta'."

Mas à medida que o tempo passa, os armários assumem significados que vão além do científico e do curatorial. "As pessoas frequentemente choram quando as vêem", diz Eldridge. "Você apenas as abre e começa a falar e, quando olha volta, elas estão chorando."

Eu não choro, mas à medida que Eldridge abre gaveta após gaveta, acho que estou cada vez mais abrumado. Parte disso é porque o peso cumulativo de tanta perda é difícil de suportar, mas também é porque é difícil saber o que fazer com o que estou sentindo. Devo estar triste? Zangado? Culpado? Qual é a maneira mais apropriada – ou talvez mais importante – de chorar a destruição de uma espécie?

Essas respostas são um lembrete de que a extinção não é um processo puramente biológico, mas algo muito mais amplo e complexo. Thom van Dooren é um professor de ciências ambientais e o vice-diretor do Sydney Environment Centre na Universidade de Sydney. Ele argumenta que um foco estritamente científico pode impedir que nossa visão seja ampliada para ver a rede multidimensional de relações ecológicas e culturais que cada espécie habita.

Devo estar triste? Zangado? Culpado? Qual é a maneira mais apropriada – ou talvez mais importante – de chorar a destruição de uma espécie?

Para van Dooren, a extinção nunca é um "evento único e afiado"; vez disso, é "um desvencilhamento de relações que começa antes e continua bem depois da morte da última indivíduo". Entender a extinção termos como este permite que seja conectada às ideias de justiça, especialmente onde a perda de uma espécie envolve a quebra de práticas culturais tradicionais ou sistemas de parentesco. Mas também abre a possibilidade de pensar sobre a extinção de maneiras que se estendem para além das "histórias finas" que geralmente contamos sobre a perda de espécies e direção a formas mais significativas de comemoração e luto. A questão de como podemos contar melhores histórias sobre a extinção está no centro do Survival Stories, um novo projeto concebido pelo Dr. Zoe Sadokierski, uma associada professora de design na Universidade de Tecnologia de Sydney. Incorporando texto, imagens, animações e mesmo performances, Survival Stories visa ajudar as audiências a encontrar novas maneiras de pensar sobre crise ambiental e extinção. Sadokierski vê o projeto como "uma forma de dar testemunho. Mas também é sobre encontrar uma maneira de fazer algo tão imenso e abrumador sentir-se tangível." Para Sadokierski, isso significa criar obras que ajudem as pessoas a se relacionar com os animais nos armários e, por extensão, com outros animais que ainda não estão extintos. "Encontrar formas de fazer essa conexão humano-animal é tão importante, porque ajuda as pessoas a ver que não estamos separadas deles", ela diz. Desenvolver ferramentas conceituais e emocionais para articular o sentimento geral de luto que sentimos diante da perda de uma espécie pode fazer mais do que nos ajudar a lidar com o passado. Também pode nos ajudar a pensar mais eficazmente sobre as ameaças a que muitas espécies estão atualmente e no futuro. "A história do tigre-da-Tasmânia não é apenas sobre o tigre-da-Tasmânia", diz van Dooren. "É uma história sobre as práticas de criação de ovelhas e prêmios e práticas agrícolas que estão envolvidas tantas extinções, não apenas no passado na Tasmânia, mas como um

fenômeno andamento." **'Eu achava que nada mais seria adicionado'** Há uma necessidade urgente de que as pessoas estabeleçam essas conexões. Quando Ingleby começou a trabalhar nos armários há quase 30 anos, ela supôs que seria um projeto finito. "Eu achava que tínhamos aprendido a lição e que nada mais seria adicionado. Mas, claro, isso não aconteceu." Recentes adições à triste lista de espécies contidas nos armários incluem o morcego-de-Christmas, um pequeno morcego que foi declarado extinto 2009, e o melomys da Ilha Bramble, um roedor que se tornou o primeiro mamífero a ser varrido pela mudança climática quando a ilha de coral de mesmo nome foi submersa pelas marés algum momento entre 2009 e 2024. Não é provável que o morcego-de-Christmas e o melomys sejam os últimos animais adicionados aos armários, ou mesmo a coleções semelhantes de aves e répteis. Além das 70 espécies de animais conhecidas por terem sido conduzidas à extinção na Austrália, outras 55 estão classificadas como ameaçadas ou gravemente ameaçadas. E este processo está se acelerando. Um estudo de 2024 sobre os 63 vertebrados mais ameaçados da Austrália descobriu que quatro provavelmente já estão extintos, 12 provavelmente estão extintos e nove provavelmente se tornarão extintos nos próximos 20 anos. *Melomys rubicola* *Onychogalea lunata* Apesar do número crescente de mortes, os governos australianos repetidamente falharam tomar medidas significativas para desacelerar o declínio das espécies nativas. Mais recentemente, a ministra federal do meio ambiente, Tanya Plibersek, disse que as leis ambientais da Austrália estão "quebradas" e prometeu alterações regulatórias para impedir extinções futuras. Mas, apesar de passos positivos, como a criação de novas agências encarregadas de monitorar e fazer cumprir as regulamentações ambientais, novos fundos para ajudar a assistir espécies ameaçadas e o rejeição de projetos, como o desenvolvimento da lagoa Toondah, abril ela adiou

indefinidamente os planos para novas leis para proteger espécies ameaçadas e ecossistemas – relatadamente como resultado da pressão do governo da Austrália Ocidental e da indústria mineral. Eldridge diz que encontra a inação do governo frustrante, não apenas porque as causas da extinção são bem conhecidas: destruição generalizada de habitat, mudança climática cada vez mais intensa e, parece que quase todos os animais que ele me mostra foram vítimas de gatos e raposas. *Onychogalea lunata* "Sabemos o que fazer e sabemos que, quando gastamos dinheiro com espécies ameaçadas, podemos inverter as coisas", diz. "Trata-se de enfrentar a perda de habitats nativos, enfrentar espécies introduzidas e lixo e mudança climática de forma séria. Mas isso claramente não é uma prioridade para o governo ou para o povo australiano." Ingleby concorda. "Eu abro essa gaveta todo o tempo e não fica mais fácil", diz. "É uma constante lembrança de como irresponsáveis fomos quando se trata de valorizar os mamíferos nativos na Austrália."

Entender a extinção termos como este permite que seja conectada às ideias de justiça, especialmente onde a perda de uma espécie envolve a quebra de práticas culturais tradicionais ou sistemas de parentesco. Mas também abre a possibilidade de pensar sobre a extinção de maneiras que se estendem para além das "histórias finas" que geralmente contamos sobre a perda de espécies e direções a formas mais significativas de comemoração e luto.

A questão de como podemos contar melhores histórias sobre a extinção está no centro do Survival Stories, um novo projeto concebido pelo Dr. Zoe Sadokierski, uma associada professora de design na Universidade de Tecnologia de Sydney. Incorporando texto, imagens, animações e mesmo performances, Survival Stories visa ajudar as audiências a encontrar novas maneiras de pensar sobre crise ambiental e extinção.

Sadokierski vê o projeto como "uma forma de dar testemunho. Mas também é sobre encontrar uma maneira de fazer algo tão imenso e abrumador sentir-se tangível." Para Sadokierski, isso significa criar obras que ajudem as pessoas a se relacionar com os animais nos armários e, por extensão, com outros animais que ainda não estão extintos.

"Encontrar formas de fazer essa conexão humano-animal é tão importante, porque ajuda as pessoas a ver que não estamos separadas deles", ela diz.

Desenvolver ferramentas conceituais e emocionais para articular o sentimento geral de luto que sentimos diante da perda de uma espécie pode fazer mais do que nos ajudar a lidar com o passado. Também pode nos ajudar a pensar mais eficazmente sobre as ameaças a que muitas espécies estão atualmente e no futuro.

"A história do tigre-da-Tasmânia não é apenas sobre o tigre-da-Tasmânia", diz van Dooren. "É uma história sobre as práticas de criação de ovelhas e prêmios e práticas agrícolas que estão envolvidas tantas extinções, não apenas no passado na Tasmânia, mas como um fenômeno andamento."

'Eu achava que nada mais seria adicionado'

Há uma necessidade urgente de que as pessoas estabeleçam essas conexões. Quando Ingleby começou a trabalhar nos armários há quase 30 anos, ela supôs que seria um projeto finito.

"Eu achava que tínhamos aprendido a lição e que nada mais seria adicionado. Mas, claro, isso não aconteceu."

Recentes adições à triste lista de espécies contidas nos armários incluem o morcego-de-Christmas, um pequeno morcego que foi declarado extinto 2009, e o melomys da Ilha Bramble, um roedor que se tornou o primeiro mamífero a ser varrido pela mudança climática quando a ilha de coral de mesmo nome foi submersa pelas marés algum momento entre 2009 e 2024.

Não é provável que o morcego-de-Christmas e o melomys sejam os últimos animais adicionados aos armários, ou mesmo a coleções semelhantes de aves e répteis. Além das 70 espécies de animais conhecidas por terem sido conduzidas à extinção na Austrália, outras 55 estão classificadas como ameaçadas ou gravemente ameaçadas.

E este processo está se acelerando. Um estudo de 2024 sobre os 63 vertebrados mais

ameaçados da Austrália descobriu que quatro provavelmente já estão extintos, 12 provavelmente estão extintos e nove provavelmente se tornarão extintos nos próximos 20 anos.

Melomys rubicola *Onychogalea lunata*

Apesar do número crescente de mortes, os governos australianos repetidamente falharam tomar medidas significativas para desacelerar o declínio das espécies nativas. Mais recentemente, a ministra federal do meio ambiente, Tanya Plibersek, disse que as leis ambientais da Austrália estão "quebradas" e prometeu alterações regulatórias para impedir extinções futuras.

Mas, apesar de passos positivos, como a criação de novas agências encarregadas de monitorar e fazer cumprir as regulamentações ambientais, novos fundos para ajudar a assistir espécies ameaçadas e o rejeição de projetos, como o desenvolvimento da lagoa Toondah, abril ela adiou indefinidamente os planos para novas leis para proteger espécies ameaçadas e ecossistemas – relatadamente como resultado da pressão do governo da Austrália Ocidental e da indústria mineral.

Eldridge diz que encontra a inação do governo frustrante, não apenas porque as causas da extinção são bem conhecidas: destruição generalizada de habitat, mudança climática cada vez mais intensa e, parece que quase todos os animais que ele me mostra foram vítimas de gatos e raposas.

Onychogalea lunata

"Sabemos o que fazer e sabemos que, quando gastamos dinheiro com espécies ameaçadas, podemos inverter as coisas", diz. "Trata-se de enfrentar a perda de habitats nativos, enfrentar espécies introduzidas e lixo e mudança climática de forma séria. Mas isso claramente não é uma prioridade para o governo ou para o povo australiano."

Ingleby concorda. "Eu abro essa gaveta todo o tempo e não fica mais fácil", diz. "É uma constante lembrança de como irresponsáveis fomos quando se trata de valorizar os mamíferos nativos na Austrália."

Expanda pontos de conhecimento

Cabinets da Extinção: Uma Recordação da Perda na Australian Museum

No final de um dos corredores das salas de mamíferos do Australian Museum Sydney, encontram-se dois armários cinza metálicos anônimos. Embora não haja nada para distingui-los dos outros armários de armazenamento da sala, eles estão carregados de significado particular. Esses armários, conhecidos no museu como os "armários da extinção", abrigam espécimes de 24 das 39 espécies de mamíferos que foram extintas desde a chegada dos europeus à Austrália. Eles abrigam um índice de perda que remonta a quase 240 anos.

Minha guia pelos armários é o Dr. Mark Eldridge, um geneticista e gerente de vertebrados terrestres do museu. Eldridge abre o primeiro dos armários para revelar 11 prateleiras largas, cada uma contendo uma variedade de peles, dentes, ossos e montagens taxidermizadas.

Alguns dos animais são imediatamente reconhecíveis – as peles listradas do tigre-da-Tasmânia no fundo das prateleiras, por exemplo. Outros, como o Koontin empalhado, são menos familiares. Mas à medida que Eldridge aponta cada relíquia particular, ele conta as histórias dos animais, sua voz alternando entre desânimo e arrependimento. Um feixe de pele macia, marrom-claro é tudo o que resta de um wallaby-de-ferramenta, uma espécie que habitava uma pequena área no sudeste da Austrália Meridional. Foi caçado por esportistas pelos primeiros colonos, mas é mais provável que tenha sido extinto pela destruição de seu habitat para fazendas.

Em outra prateleira, os formulários empalhados de um rato-de-Maclear e um rato-buldogue estão ao lado de dois pequenos caixotes contendo seus crânios. Ambos têm um belo pêlo de um tom profundo de marrom-avermelhado; endêmicos da Ilha de Páscoa, ambas as espécies eram

extraordinariamente abundantes quando europeus chegaram pela primeira vez e tinham tão pouco medo de humanos que invadiriam tendas busca de comida. Sua população desabou nas primeiras décadas do século XX, provavelmente como resultado de uma doença parasitária trazida por ratos-preto introduzidos.

Talvez o mais impressionante seja a pele dos tigres-da-Tasmânia. "Muitos museus têm um tigre-da-Tasmânia sacrificado exibição para que as pessoas possam ver", diz Eldridge. "Mas eles ficam desbotados e perdem sua cor. Portanto, mantemos os bons que ainda têm suas cores e marcas naturais aqui."

Indeed, estes tigres-da-Tasmânia são muito diferentes dos que vi outros lugares; sua pelagem é mais escura e mais grossa, as listras não são negras, mas um marrom-rico e chocolate profundo. Um ainda tem a bolsa que ela teria criado seus jovens: o huso seco do mamilo sobe como um dedo da pele.

'Oh, isso é tudo o que nos resta'

Os armários são obra do gerente da coleção de mamíferos, Dr. Sandy Ingleby, que assumiu a tarefa de montá-los pouco tempo depois de se juntar ao museu 1996. Inicialmente, seu propósito era prático, uma maneira de garantir que espécimes irremplaçáveis fossem armazenados um local centralizado e seguro.

Isso é especialmente importante porque muitas das espécies guardadas nos armários desapareceram tão rápido que quase nada resta delas: no caso do potoro-de-rosto-amplo – um pequeno marsupial que viveu no sul da Austrália Ocidental e é acreditado ter sido extinto quando gatos chegaram à região na segunda metade do século XIX – apenas 10 peles restam, cinco delas sob os cuidados do Australian Museum.

"Às vezes, é como se estivesse olhando para fantasmas", diz Ingleby. "Você olha para eles e pensa, 'Oh, isso é tudo o que nos resta'."

Mas à medida que o tempo passa, os armários assumem significados que vão além do científico e do curatorial. "As pessoas frequentemente choram quando as vêem", diz Eldridge. "Você apenas as abre e começa a falar e, quando olha volta, elas estão chorando."

Eu não choro, mas à medida que Eldridge abre gaveta após gaveta, acho que estou cada vez mais abrumado. Parte disso é porque o peso cumulativo de tanta perda é difícil de suportar, mas também é porque é difícil saber o que fazer com o que estou sentindo. Devo estar triste? Zangado? Culpado? Qual é a maneira mais apropriada – ou talvez mais importante – de chorar a destruição de uma espécie?

Essas respostas são um lembrete de que a extinção não é um processo puramente biológico, mas algo muito mais amplo e complexo. Thom van Dooren é um professor de ciências ambientais e o vice-diretor do Sydney Environment Centre na Universidade de Sydney. Ele argumenta que um foco estritamente científico pode impedir que nossa visão seja ampliada para ver a rede multidimensional de relações ecológicas e culturais que cada espécie habita.

Devo estar triste? Zangado? Culpado? Qual é a maneira mais apropriada – ou talvez mais importante – de chorar a destruição de uma espécie?

Para van Dooren, a extinção nunca é um "evento único e afiado"; vez disso, é "um desvencilhamento de relações que começa antes e continua bem depois da morte da última indivíduo". Entender a extinção termos como este permite que seja conectada às ideias de justiça, especialmente onde a perda de uma espécie envolve a quebra de práticas culturais tradicionais ou sistemas de parentesco. Mas também abre a possibilidade de pensar sobre a extinção de maneiras que se estendem para além das "histórias finas" que geralmente contamos sobre a perda de espécies e direção a formas mais significativas de comemoração e luto. A questão de como podemos contar melhores histórias sobre a extinção está no centro do Survival Stories, um novo projeto concebido pelo Dr. Zoe Sadokierski, uma associada professora de design na Universidade de Tecnologia de Sydney. Incorporando texto, imagens, animações e

mesmo performances, Survival Stories visa ajudar as audiências a encontrar novas maneiras de pensar sobre crise ambiental e extinção. Sadokierski vê o projeto como "uma forma de dar testemunho. Mas também é sobre encontrar uma maneira de fazer algo tão imenso e abrumador sentir-se tangível." Para Sadokierski, isso significa criar obras que ajudem as pessoas a se relacionar com os animais nos armários e, por extensão, com outros animais que ainda não estão extintos. "Encontrar formas de fazer essa conexão humano-animal é tão importante, porque ajuda as pessoas a ver que não estamos separadas deles", ela diz. Desenvolver ferramentas conceituais e emocionais para articular o sentimento geral de luto que sentimos diante da perda de uma espécie pode fazer mais do que nos ajudar a lidar com o passado. Também pode nos ajudar a pensar mais eficazmente sobre as ameaças a que muitas espécies estão atualmente e no futuro. "A história do tigre-da-Tasmânia não é apenas sobre o tigre-da-Tasmânia", diz van Dooren. "É uma história sobre as práticas de criação de ovelhas e prêmios e práticas agrícolas que estão envolvidas tantas extinções, não apenas no passado na Tasmânia, mas como um fenômeno andamento." **"Eu achava que nada mais seria adicionado"** Há uma necessidade urgente de que as pessoas estabeleçam essas conexões. Quando Ingleby começou a trabalhar nos armários há quase 30 anos, ela supôs que seria um projeto finito. "Eu achava que tínhamos aprendido a lição e que nada mais seria adicionado. Mas, claro, isso não aconteceu." Recentes adições à triste lista de espécies contidas nos armários incluem o morcego-de-Christmas, um pequeno morcego que foi declarado extinto 2009, e o melomys da Ilha Bramble, um roedor que se tornou o primeiro mamífero a ser varrido pela mudança climática quando a ilha de coral de mesmo nome foi submersa pelas marés algum momento entre 2009 e 2024. Não é provável que o morcego-de-Christmas e o melomys sejam os últimos animais adicionados aos armários, ou mesmo a coleções semelhantes de aves e répteis. Além das 70 espécies de animais conhecidas por terem sido conduzidas à extinção na Austrália, outras 55 estão classificadas como ameaçadas ou gravemente ameaçadas. E este processo está se acelerando. Um estudo de 2024 sobre os 63 vertebrados mais ameaçados da Austrália descobriu que quatro provavelmente já estão extintos, 12 provavelmente estão extintos e nove provavelmente se tornarão extintos nos próximos 20 anos. *Melomys rubicola* *Onychogalea lunata* Apesar do número crescente de mortes, os governos australianos repetidamente falharam tomar medidas significativas para desacelerar o declínio das espécies nativas. Mais recentemente, a ministra federal do meio ambiente, Tanya Plibersek, disse que as leis ambientais da Austrália estão "quebradas" e prometeu alterações regulatórias para impedir extinções futuras. Mas, apesar de passos positivos, como a criação de novas agências encarregadas de monitorar e fazer cumprir as regulamentações ambientais, novos fundos para ajudar a assistir espécies ameaçadas e o rejeição de projetos, como o desenvolvimento da lagoa Toondah, abril ela adiou indefinidamente os planos para novas leis para proteger espécies ameaçadas e ecossistemas – relatadamente como resultado da pressão do governo da Austrália Ocidental e da indústria mineral. Eldridge diz que encontra a inação do governo frustrante, não apenas porque as causas da extinção são bem conhecidas: destruição generalizada de habitat, mudança climática cada vez mais intensa e, parece que quase todos os animais que ele me mostra foram vítimas de gatos e raposas. *Onychogalea lunata* "Sabemos o que fazer e sabemos que, quando gastamos dinheiro com espécies ameaçadas, podemos inverter as coisas", diz. "Trata-se de enfrentar a perda de habitats nativos, enfrentar espécies introduzidas e lixo e mudança climática de forma séria. Mas isso claramente não é uma prioridade para o governo ou para o povo australiano." Ingleby concorda. "Eu abro essa gaveta todo o tempo e não fica mais fácil", diz. "É uma constante lembrança de como irresponsáveis fomos quando se trata de valorizar os mamíferos nativos na Austrália."

Entender a extinção termos como este permite que seja conectada às ideias de justiça, especialmente onde a perda de uma espécie envolve a quebra de práticas culturais tradicionais ou sistemas de parentesco. Mas também abre a possibilidade de pensar sobre a extinção de maneiras que se estendem para além das "histórias finas" que geralmente contamos sobre a perda de espécies e direção a formas mais significativas de comemoração e luto.

A questão de como podemos contar melhores histórias sobre a extinção está no centro do Survival Stories, um novo projeto concebido pelo Dr. Zoe Sadokierski, uma associada professora de design na Universidade de Tecnologia de Sydney. Incorporando texto, imagens, animações e mesmo performances, Survival Stories visa ajudar as audiências a encontrar novas maneiras de pensar sobre crise ambiental e extinção.

Sadokierski vê o projeto como "uma forma de dar testemunho. Mas também é sobre encontrar uma maneira de fazer algo tão imenso e abrumador sentir-se tangível." Para Sadokierski, isso significa criar obras que ajudem as pessoas a se relacionar com os animais nos armários e, por extensão, com outros animais que ainda não estão extintos.

"Encontrar formas de fazer essa conexão humano-animal é tão importante, porque ajuda as pessoas a ver que não estamos separadas deles", ela diz.

Desenvolver ferramentas conceituais e emocionais para articular o sentimento geral de luto que sentimos diante da perda de uma espécie pode fazer mais do que nos ajudar a lidar com o passado. Também pode nos ajudar a pensar mais eficazmente sobre as ameaças a que muitas espécies estão atualmente e no futuro.

"A história do tigre-da-Tasmânia não é apenas sobre o tigre-da-Tasmânia", diz van Dooren. "É uma história sobre as práticas de criação de ovelhas e prêmios e práticas agrícolas que estão envolvidas tantas extinções, não apenas no passado na Tasmânia, mas como um fenômeno andamento."

'Eu achava que nada mais seria adicionado'

Há uma necessidade urgente de que as pessoas estabeleçam essas conexões. Quando Ingleby começou a trabalhar nos armários há quase 30 anos, ela supôs que seria um projeto finito.

"Eu achava que tínhamos aprendido a lição e que nada mais seria adicionado. Mas, claro, isso não aconteceu."

Recentes adições à triste lista de espécies contidas nos armários incluem o morcego-de-Christmas, um pequeno morcego que foi declarado extinto em 2009, e o melomys da Ilha Bramble, um roedor que se tornou o primeiro mamífero a ser varrido pela mudança climática quando a ilha de coral de mesmo nome foi submersa pelas marés algum momento entre 2009 e 2024.

Não é provável que o morcego-de-Christmas e o melomys sejam os últimos animais adicionados aos armários, ou mesmo a coleções semelhantes de aves e répteis. Além das 70 espécies de animais conhecidas por terem sido conduzidas à extinção na Austrália, outras 55 estão classificadas como ameaçadas ou gravemente ameaçadas.

E este processo está se acelerando. Um estudo de 2024 sobre os 63 vertebrados mais ameaçados da Austrália descobriu que quatro provavelmente já estão extintos, 12 provavelmente estão extintos e nove provavelmente se tornarão extintos nos próximos 20 anos.

Melomys rubicola Onychogalea lunata

Apesar do número crescente de mortes, os governos australianos repetidamente falharam tomar medidas significativas para desacelerar o declínio das espécies nativas. Mais recentemente, a ministra federal do meio ambiente, Tanya Plibersek, disse que as leis ambientais da Austrália estão "quebradas" e prometeu alterações regulatórias para impedir extinções futuras.

Mas, apesar de passos positivos, como a criação de novas agências encarregadas de monitorar e fazer cumprir as regulamentações ambientais, novos fundos para ajudar a assistir espécies ameaçadas e o rejeição de projetos, como o desenvolvimento da lagoa Toondah, abril ela adiou indefinidamente os planos para novas leis para proteger espécies ameaçadas e ecossistemas – relatadamente como resultado da pressão do governo da Austrália Ocidental e da indústria mineral.

Eldridge diz que encontra a inação do governo frustrante, não apenas porque as causas da extinção são bem conhecidas: destruição generalizada de habitat, mudança climática cada vez

mais intensa e, parece que quase todos os animais que ele me mostra foram vítimas de gatos e raposas.

Onychogalea lunata

"Sabemos o que fazer e sabemos que, quando gastamos dinheiro com espécies ameaçadas, podemos inverter as coisas", diz. "Trata-se de enfrentar a perda de habitats nativos, enfrentar espécies introduzidas e lixo e mudança climática de forma séria. Mas isso claramente não é uma prioridade para o governo ou para o povo australiano."

Ingleby concorda. "Eu abro essa gaveta todo o tempo e não fica mais fácil", diz. "É uma constante lembrança de como irresponsáveis fomos quando se trata de valorizar os mamíferos nativos na Austrália."

comentário do comentarista

Cabinets da Extinção: Uma Recordação da Perda na Australian Museum

No final de um dos corredores das salas de mamíferos do Australian Museum Sydney, encontram-se dois armários cinza metálicos anônimos. Embora não haja nada para distingui-los dos outros armários de armazenamento da sala, eles estão carregados de significado particular. Esses armários, conhecidos no museu como os "armários da extinção", abrigam espécimes de 24 das 39 espécies de mamíferos que foram extintas desde a chegada dos europeus à Austrália. Eles abrigam um índice de perda que remonta a quase 240 anos.

Minha guia pelos armários é o Dr. Mark Eldridge, um geneticista e gerente de vertebrados terrestres do museu. Eldridge abre o primeiro dos armários para revelar 11 prateleiras largas, cada uma contendo uma variedade de peles, dentes, ossos e montagens taxidermizadas.

Alguns dos animais são imediatamente reconhecíveis – as peles listradas do tigre-da-Tasmânia no fundo das prateleiras, por exemplo. Outros, como o Koontin empalhado, são menos familiares. Mas à medida que Eldridge aponta cada relíquia particular, ele conta as histórias dos animais, sua voz alternando entre desânimo e arrependimento. Um feixe de pele macia, marrom-claro é tudo o que resta de um wallaby-de-ferramenta, uma espécie que habitava uma pequena área no sudeste da Austrália Meridional. Foi caçado por esportistas pelos primeiros colonos, mas é mais provável que tenha sido extinto pela destruição de seu habitat para fazendas.

Em outra prateleira, os formulários empalhados de um rato-de-Maclear e um rato-buldogue estão ao lado de dois pequenos caixotes contendo seus crânios. Ambos têm um belo pêlo de um tom profundo de marrom-avermelhado; endêmicos da Ilha de Páscoa, ambas as espécies eram extraordinariamente abundantes quando europeus chegaram pela primeira vez e tinham tão pouco medo de humanos que invadiriam tendas busca de comida. Sua população desabou nas primeiras décadas do século XX, provavelmente como resultado de uma doença parasitária trazida por ratos-preto introduzidos.

Talvez o mais impressionante seja a pele dos tigres-da-Tasmânia. "Muitos museus têm um tigre-da-Tasmânia sacrificado exibição para que as pessoas possam ver", diz Eldridge. "Mas eles ficam desbotados e perdem sua cor. Portanto, mantemos os bons que ainda têm suas cores e marcas naturais aqui."

Indeed, estes tigres-da-Tasmânia são muito diferentes dos que vi outros lugares; sua pelagem é mais escura e mais grossa, as listras não são negras, mas um marrom-rico e chocolate profundo. Um ainda tem a bolsa que ela teria criado seus jovens: o huso seco do mamilo sobe como um dedo da pele.

'Oh, isso é tudo o que nos resta'

Os armários são obra do gerente da coleção de mamíferos, Dr. Sandy Ingleby, que assumiu a tarefa de montá-los pouco tempo depois de se juntar ao museu em 1996. Inicialmente, seu propósito era prático, uma maneira de garantir que espécimes irremplaçáveis fossem armazenados em um local centralizado e seguro.

Isso é especialmente importante porque muitas das espécies guardadas nos armários desapareceram tão rápido que quase nada resta delas: no caso do potoro-de-rosto-amplio – um pequeno marsupial que viveu no sul da Austrália Ocidental e é acreditado ter sido extinto quando gatos chegaram à região na segunda metade do século XIX – apenas 10 peles restam, cinco delas sob os cuidados do Australian Museum.

"Às vezes, é como se estivesse olhando para fantasmas", diz Ingleby. "Você olha para eles e pensa, 'Oh, isso é tudo o que nos resta'."

Mas à medida que o tempo passa, os armários assumem significados que vão além do científico e do curadorial. "As pessoas frequentemente choram quando as vêem", diz Eldridge. "Você apenas as abre e começa a falar e, quando olha volta, elas estão chorando."

Eu não choro, mas à medida que Eldridge abre gaveta após gaveta, acho que estou cada vez mais abrumado. Parte disso é porque o peso cumulativo de tanta perda é difícil de suportar, mas também é porque é difícil saber o que fazer com o que estou sentindo. Devo estar triste? Zangado? Culpado? Qual é a maneira mais apropriada – ou talvez mais importante – de chorar a destruição de uma espécie?

Essas respostas são um lembrete de que a extinção não é um processo puramente biológico, mas algo muito mais amplo e complexo. Thom van Dooren é um professor de ciências ambientais e o vice-diretor do Sydney Environment Centre na Universidade de Sydney. Ele argumenta que um foco estritamente científico pode impedir que nossa visão seja ampliada para ver a rede multidimensional de relações ecológicas e culturais que cada espécie habita.

Devo estar triste? Zangado? Culpado? Qual é a maneira mais apropriada – ou talvez mais importante – de chorar a destruição de uma espécie?

Para van Dooren, a extinção nunca é um "evento único e afiado"; vez disso, é "um desvencilhamento de relações que começa antes e continua bem depois da morte da última indivíduo". Entender a extinção termos como este permite que seja conectada às ideias de justiça, especialmente onde a perda de uma espécie envolve a quebra de práticas culturais tradicionais ou sistemas de parentesco. Mas também abre a possibilidade de pensar sobre a extinção de maneiras que se estendem para além das "histórias finas" que geralmente contamos sobre a perda de espécies e direção a formas mais significativas de comemoração e luto. A questão de como podemos contar melhores histórias sobre a extinção está no centro do Survival Stories, um novo projeto concebido pelo Dr. Zoe Sadokierski, uma associada professora de design na Universidade de Tecnologia de Sydney. Incorporando texto, imagens, animações e mesmo performances, Survival Stories visa ajudar as audiências a encontrar novas maneiras de pensar sobre crise ambiental e extinção. Sadokierski vê o projeto como "uma forma de dar testemunho. Mas também é sobre encontrar uma maneira de fazer algo tão imenso e abrumador sentir-se tangível." Para Sadokierski, isso significa criar obras que ajudem as pessoas a se relacionar com os animais nos armários e, por extensão, com outros animais que ainda não estão extintos. "Encontrar formas de fazer essa conexão humano-animal é tão importante, porque ajuda as pessoas a ver que não estamos separadas deles", ela diz. Desenvolver ferramentas conceituais e emocionais para articular o sentimento geral de luto que sentimos diante da perda de uma espécie pode fazer mais do que nos ajudar a lidar com o passado. Também pode nos ajudar a pensar mais eficazmente sobre as ameaças a que muitas espécies estão atualmente e no futuro. "A história do tigre-da-Tasmânia não é apenas sobre o tigre-da-Tasmânia", diz van Dooren. "É uma história sobre as práticas de criação de ovelhas e prêmios e práticas agrícolas que estão envolvidas tantas extinções, não apenas no passado na Tasmânia, mas como um fenômeno andamento." **"Eu achava que nada mais seria adicionado"** Há uma necessidade urgente de que as pessoas estabeleçam essas conexões. Quando Ingleby

começou a trabalhar nos armários há quase 30 anos, ela supôs que seria um projeto finito. "Eu achava que tínhamos aprendido a lição e que nada mais seria adicionado. Mas, claro, isso não aconteceu." Recentes adições à triste lista de espécies contidas nos armários incluem o morcego-de-Christmas, um pequeno morcego que foi declarado extinto em 2009, e o melomys da Ilha Bramble, um roedor que se tornou o primeiro mamífero a ser varrido pela mudança climática quando a ilha de coral de mesmo nome foi submersa pelas marés algum momento entre 2009 e 2024. Não é provável que o morcego-de-Christmas e o melomys sejam os últimos animais adicionados aos armários, ou mesmo a coleções semelhantes de aves e répteis. Além das 70 espécies de animais conhecidas por terem sido conduzidas à extinção na Austrália, outras 55 estão classificadas como ameaçadas ou gravemente ameaçadas. E este processo está se acelerando. Um estudo de 2024 sobre os 63 vertebrados mais ameaçados da Austrália descobriu que quatro provavelmente já estão extintos, 12 provavelmente estão extintos e nove provavelmente se tornarão extintos nos próximos 20 anos. *Melomys rubicola* *Onychogalea lunata*

Apesar do número crescente de mortes, os governos australianos repetidamente falharam em tomar medidas significativas para desacelerar o declínio das espécies nativas. Mais recentemente, a ministra federal do meio ambiente, Tanya Plibersek, disse que as leis ambientais da Austrália estão "quebradas" e prometeu alterações regulatórias para impedir extinções futuras. Mas, apesar de passos positivos, como a criação de novas agências encarregadas de monitorar e fazer cumprir as regulamentações ambientais, novos fundos para ajudar a assistir espécies ameaçadas e o rejeição de projetos, como o desenvolvimento da lagoa Toondah, ela adiou indefinidamente os planos para novas leis para proteger espécies ameaçadas e ecossistemas – relatadamente como resultado da pressão do governo da Austrália Ocidental e da indústria mineral. Eldridge diz que encontra a inação do governo frustrante, não apenas porque as causas da extinção são bem conhecidas: destruição generalizada de habitat, mudança climática cada vez mais intensa e, parece que quase todos os animais que ele me mostra foram vítimas de gatos e raposas. *Onychogalea lunata* "Sabemos o que fazer e sabemos que, quando gastamos dinheiro com espécies ameaçadas, podemos inverter as coisas", diz. "Trata-se de enfrentar a perda de habitats nativos, enfrentar espécies introduzidas e lixo e mudança climática de forma séria. Mas isso claramente não é uma prioridade para o governo ou para o povo australiano." Ingleby concorda. "Eu abro essa gaveta todo o tempo e não fica mais fácil", diz. "É uma constante lembrança de como irresponsáveis fomos quando se trata de valorizar os mamíferos nativos na Austrália."

Entender a extinção termos como este permite que seja conectada às ideias de justiça, especialmente onde a perda de uma espécie envolve a quebra de práticas culturais tradicionais ou sistemas de parentesco. Mas também abre a possibilidade de pensar sobre a extinção de maneiras que se estendem para além das "histórias finas" que geralmente contamos sobre a perda de espécies e direções a formas mais significativas de comemoração e luto.

A questão de como podemos contar melhores histórias sobre a extinção está no centro do Survival Stories, um novo projeto concebido pelo Dr. Zoe Sadokierski, uma associada professora de design na Universidade de Tecnologia de Sydney. Incorporando texto, imagens, animações e mesmo performances, Survival Stories visa ajudar as audiências a encontrar novas maneiras de pensar sobre crise ambiental e extinção.

Sadokierski vê o projeto como "uma forma de dar testemunho. Mas também é sobre encontrar uma maneira de fazer algo tão imenso e abrumador sentir-se tangível." Para Sadokierski, isso significa criar obras que ajudem as pessoas a se relacionar com os animais nos armários e, por extensão, com outros animais que ainda não estão extintos.

"Encontrar formas de fazer essa conexão humano-animal é tão importante, porque ajuda as pessoas a ver que não estamos separadas deles", ela diz.

Desenvolver ferramentas conceituais e emocionais para articular o sentimento geral de luto que sentimos diante da perda de uma espécie pode fazer mais do que nos ajudar a lidar com o passado. Também pode nos ajudar a pensar mais eficazmente sobre as ameaças a que muitas espécies estão atualmente e no futuro.

"A história do tigre-da-Tasmânia não é apenas sobre o tigre-da-Tasmânia", diz van Dooren. "É

uma história sobre as práticas de criação de ovelhas e prêmios e práticas agrícolas que estão envolvidas tantas extinções, não apenas no passado na Tasmânia, mas como um fenômeno andamento."

'Eu achava que nada mais seria adicionado'

Há uma necessidade urgente de que as pessoas estabeleçam essas conexões. Quando Ingleby começou a trabalhar nos armários há quase 30 anos, ela supôs que seria um projeto finito.

"Eu achava que tínhamos aprendido a lição e que nada mais seria adicionado. Mas, claro, isso não aconteceu."

Recentes adições à triste lista de espécies contidas nos armários incluem o morcego-de-Christmas, um pequeno morcego que foi declarado extinto 2009, e o melomys da Ilha Bramble, um roedor que se tornou o primeiro mamífero a ser varrido pela mudança climática quando a ilha de coral de mesmo nome foi submersa pelas marés algum momento entre 2009 e 2024.

Não é provável que o morcego-de-Christmas e o melomys sejam os últimos animais adicionados aos armários, ou mesmo a coleções semelhantes de aves e répteis. Além das 70 espécies de animais conhecidas por terem sido conduzidas à extinção na Austrália, outras 55 estão classificadas como ameaçadas ou gravemente ameaçadas.

E este processo está se acelerando. Um estudo de 2024 sobre os 63 vertebrados mais ameaçados da Austrália descobriu que quatro provavelmente já estão extintos, 12 provavelmente estão extintos e nove provavelmente se tornarão extintos nos próximos 20 anos.

Melomys rubicola Onychogalea lunata

Apesar do número crescente de mortes, os governos australianos repetidamente falharam tomar medidas significativas para desacelerar o declínio das espécies nativas. Mais recentemente, a ministra federal do meio ambiente, Tanya Plibersek, disse que as leis ambientais da Austrália estão "quebradas" e prometeu alterações regulatórias para impedir extinções futuras.

Mas, apesar de passos positivos, como a criação de novas agências encarregadas de monitorar e fazer cumprir as regulamentações ambientais, novos fundos para ajudar a assistir espécies ameaçadas e o rejeição de projetos, como o desenvolvimento da lagoa Toondah, abril ela adiou indefinidamente os planos para novas leis para proteger espécies ameaçadas e ecossistemas – relatadamente como resultado da pressão do governo da Austrália Ocidental e da indústria mineral.

Eldridge diz que encontra a inação do governo frustrante, não apenas porque as causas da extinção são bem conhecidas: destruição generalizada de habitat, mudança climática cada vez mais intensa e, parece que quase todos os animais que ele me mostra foram vítimas de gatos e raposas.

Onychogalea lunata

"Sabemos o que fazer e sabemos que, quando gastamos dinheiro com espécies ameaçadas, podemos inverter as coisas", diz. "Trata-se de enfrentar a perda de habitats nativos, enfrentar espécies introduzidas e lixo e mudança climática de forma séria. Mas isso claramente não é uma prioridade para o governo ou para o povo australiano."

Ingleby concorda. "Eu abro essa gaveta todo o tempo e não fica mais fácil", diz. "É uma constante lembrança de como irresponsáveis fomos quando se trata de valorizar os mamíferos nativos na Austrália."

Informações do documento:

Autor: jandlglass.org

Assunto: 365 casa de aposta

Palavras-chave: **365 casa de aposta**

Data de lançamento de: 2024-12-30 00:01

Referências Bibliográficas:

1. [slotfather](#)
2. [betnacional apk 2024](#)
3. [sites de apostas esportivas com bonus](#)
4. [casino free slots machine grátis](#)